A Cultura da Ágora (Leitura complementar)

A Arte pelo prazer do olhar e do espírito

É necessário, no entanto, não nos deixarmos enganar com o termo "democracia". A "cidade" (e Atenas era um exemplo brilhante) tornada centro da civilização a partir do século V a.C., vai, de facto, estra em poder dos cidadãos, quando a fase dos tiranos, sobretudo florescente na Ásia Menor e na Magna Grécia, ficar ultrapassada. Mas isto não corresponde nada à noção que temos de povo. Em Atenas, só uma décima parte dos habitantes possuía verdadeiramente a totalidade dos direitos cívicos e políticos. Sem falar de todos aqueles que permaneciam excluídos dos direitos dos cidadãos, a escravatura produzia uma classe em número considerável, dando aos privilegiados o benefício de uma semiociosidade que, tinha sido reservado aos príncipes. […]

O Homem não depende já dos poderes misteriosos que o ultrapassam e aterram, nem dos seus intermediários. Vive por ele e para ele; dedica-se ao exercício da existência. Sente-se responsável tanto da sua pessoa como da cidade. O fim essencial da sua vida já não é o serviço e a glorificação de um poder soberano. Numa sociedade civilizada e livre, onde a religião propõe um tratamento familiar com os deuses parecidos consigo, o cidadão encontra uma razão de ser no prazer, no aperfeiçoamento da existência.

[…]

Foi dado um passo decisivo: a arte, até então inconsciente, entrevê a sua autonomia e, de facto, pela primeira vez, com a idade clássica despertará a noção de beleza, de que antes não se tinha tido a não ser o instinto criador, e de que os filósofos se vão agora apoderar. Ora, na Atenas dos séculos VI e V a. C., eles frequentam os artistas; os Diálogos de Platão. Que passava por ter sido pintor na sua juventude, provam-no bem a propósito de Sócrates. A arte deixa de ser exclusivamente funcional; ultrapassa até a etapa da arte ao serviço de Deus ou do monarca para descobrir que se pode destinar a um prazer sui generis: o estético. Demócrito já se refere aos prazeres produzidos pela vista das obras de arte e Aristóteles dirá muito justamente: " O belo é o que é desejável por si mesmo." Só por isto, a Grécia abriria uma nova era.

[…]

Mas esta arte, concebida doravante essencial e conscientemente em vista do "deleite" do espectador, procurará suscitá-la tanto pelo realismo como pela harmonia. Consulte-se Platão, Aristóteles ou, segundo estes, Xenócrates de Sicione, o escultor do século III a.C. que elaborou um tratado sobre a pintura e a escultura, e ficamos espantados com o papel primordial reservado à ideia de que a arte é, antes de mais, habilidade na representação exacta das aparências visíveis. O aperfeiçoamento desta representação exacta é seguido como o sinal de um progresso histórico depois das obras arcaicas. A mimesis (imitação), para Platão e Aristóteles, é a lei constitutiva. […] Este realismo de base era a inevitável consequência da transformação da sociedade: o homem novo, o cidadão, torna-se consciente das suas responsabilidades pessoais. Daqui por diante, julga e decide por si mesmo. Não se fia senão em si. O que quer dizer que toda a evidência vem, em primeiro lugar, do que percepciona, do que constata, portanto, dos seus sentidos. Do material fornecido pelas sensações e constituindo a única experiência objectiva, a razão, aplicando-lhe as leis sólidas da lógica, extrai a verdade. Na arte, isto será o princípio do Classicismo: reproduzir a natureza, tal como a vemos, mas corrigindo-a, apesar de tudo, melhorando-a de acordo com as normas do pensamento. […]

Assim se apresenta a arte grega: fundada na verdade exacta das aparências, submete-as às regras mais subtis do pensamento racional; mas, sobretudo, esta veracidade e esta lógica transcendem-se e unem-se na comunhão de um fim: o prazer do olhar e do espírito."

HUYGHE, R. (1986). *Sentido e Destino da Arte*. Lisboa: Edições 70. (pp. 162-170).